

A. L. P. Gouthier

GUERREIRA DE BRONZE

ANTOLOGIA BIOGRÁFICA



ANASTÁSIA
PERSEPHONE

GUERREIRA DE BRONZE antologia biográfica
Copyright©2021 – A. L. P. Gouthier

Todos os direitos desta edição são reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito da autora.

Diagramação: Paulo Gabriel de Angelis Lemos & Raphael Simões

Revisão ortográfica: Paulinho Assunção

Tradução do original inglês para o português pela autora A.L.P. Gouthier.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Gouthier A,L,P Guerreira de Bronze antologia biográfica/Anna L P
Gouthier, 1ª edição-Belo Horizonte: Anastásia Persephone Editora e Comércio, 2021.

ISBN: 9798472272711

1.Biografia 2. A L P Gouthier 3. Belo Horizonte 4. MG

Índice para catálogo Sistemático

1. Biografia 2. Antologia 3. ALP Gouthier 4. Belo Horizonte
5. Minas Gerais

CDD 920-0

Impresso no Brasil
2021



Anastásia Persephone Editora e Comercio

Rua Espirito Santo,901 sala 03

Belo Horizonte -MG

Cep 30160-033

Telefone: 55 (31) 32481000 | WhatsApp 55 (31) 9 8883-0550

E-mail: anastasiapersephone.ec@gmail.com

GUERREIRA DE BRONZE

ANTOLOGIA BIOGRÁFICA

A. L. P. Gouthier

1ª edição



Guerreira de Bronze - antologia biográfica
Copyright © 2021- A.L.P. Gouthier
Belo Horizonte - MG - 2021

Dedico este livro aos dois grandes amores de minha vida:

Jo — Joseph Alexander Martinez,

25-09-44 — 18-12-15,

aqui nomeado Joseph Eros Dallarosa,

&

Roberto Ovídio Santos Gouthier,

que ainda vive ao meu lado,

e neste livro designado como Albert Ovid Freyer.

Conteúdo poético

“Honestidade é o primeiro capítulo do livro sobre sabedoria.”

Thomas Jefferson

**“Uma das desvantagens da estupidez
é a incapacidade de imaginar inteligência.”**

Donna Leon, Livro: *By the cover*

**“Você não apenas tem uma história – é uma história acontecendo,
e nunca saberá como será o próximo capítulo.**

Isso é o que a faz emocionante.”

Dan Millman

Nota da autora

Poema 1: “A Canção da Guerreira”, de A.L.P. Gouthier.

Prólogo

Poema 2: “Palavras”, de Patrick Rothfuss.

Capítulo 1 – Herança Rítmica

Poema 3: “A Canção do Marinheiro”, de autor desconhecido; tradução do português para o inglês por A.L.P. Gouthier.

Poema 4: “Vida”, de autor desconhecido; tradução do português para o inglês por A.L.P. Gouthier.

Poema 5: “O Brado da Guerreira” - por A.L.P. Gouthier, 2009.

Poema 6: “Clara”, de Antônio Luciano Pereira Filho, 1913 a 1990,
escrito aprox. 1923.

Poema 7: “Geraldão”, de Antônio Luciano, escrito aprox. 1965.

Capítulo 2 – Árvores de Agressão

Poema 8: “Árvores de Agressão” por A.L.P. Gouthier, 2013.

Capítulo 3 – Inspiração Poética

Poema 9: “Bárbara Heliodora”, de Alvarenga Peixoto, escrito aprox. 1790.

Poema 10: “*Mignon Song*”, de Johann Wolfgang von Goethe, 1749-1832, parte da versão alemã, e tradução para o inglês por autor desconhecido.

Poema 11: “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, brasileiro 1823 - 1864.

Poema 12: “Lembre-se”, versão de A.L.P. Gouthier, escrito aprox. 1962. baseada em tradução para o português de autor desconhecido do poema intitulado “*Remember*”, de Cristina Rossetti, 1830 a 1894. E depois, o poema original “*Remember*”, de Cristina Rossetti.

Capítulo 4 – Tambores Poéticos

Poema 13: 4º Canto de “*I-Juca-Pirama*”, de Gonçalves Dias.

Poema 14: “Tambores Poéticos”, de A.L.P. Gouthier, 2013.

Capítulo 5 – Chácara

Poema 15: “Chácara”, de A.L.P. Gouthier, 2012.

Capítulo 6 – Luciânia

Poema 16: “Luciânia”, de A.L.P. Gouthier, 2009.

Poema 17: “Açúcar”, de Fernando Brant e Milton Nascimento.

Capítulo 7 – Meu Pai

Poema 18: “Meu Pai”, por A.L.P. Gouthier, 2014.

Capítulo 8 – Sobre Escolaridade & Calúnia

Poema 19: “Injúria”, de A.L.P. Gouthier, 2015.

Capítulo 9 – Acadêmia

Poema 20: “Julgamento”, de A.L.P. Gouthier, 2015.

Poema 21: “Rosemont”, de A.L.P. Gouthier, 2015.

Capítulo 10 – As Neves de Boston

Poema 22: “Neves de Boston”, por A.L.P. Gouthier, 2013.

Capítulo 11 – Amor Eterno

Poema 23: “Amor Eterno”, de A.L.P. Gouthier, 2016.

Poema 24: “*Le Lac*” (estrofes selecionadas), de Alphonse Lamartine, França.

Poema 25: “O Lago”, de Lamartine, traduzido por A.L.P. Gouthier

Capítulo 12 – Falsa Acusação

Poema 26: “Roubo e Falsa Acusação”, por A.L.P. Gouthier, 2005.

Poema 27: “*Un Moment*”, de Max D’Angelo, Roma 1969.

Capítulo 13 – Canção da Guerreira

Poema 28: “*Shahnameh*”, épica dos reis persas por Ferdowsi, Pérsia 1015.

Poema 29: “Brado da Guerreira”, de A.L.P. Gouthier, 2013.

Capítulo 14 – Viagem e Comunicação

Poema 30: “Meu Caminho”, de A.L.P. Gouthier, 2011.

Capítulo 15 – Novas Raízes

Poema 31: “Novas Raízes”, por A.L.P. Gouthier, 2015.

Capítulo 16 – Grosvenor – Sede do Inferno

Poema 32: “Corações de Cristal”, de A.L.P. Gouthier, 2015.

Poema 33: “Hades Apaixonado”, de A.L.P. Gouthier, 2015.

Poema 34: “Grosvenor – Sede do Inferno”, de A.L.P. Gouthier, 2014.

Capítulo 17 – O Fim do Passado

Poema 35: “Sua Mãe”, por Brylor Electric, Pinterest UK

Poema 36: “Navio Negreiro”, de Castro Alves, 1847 a 1871.

Poema 37: “Cadeias Invisíveis”, por A.L.P. Gouthier, 2015.

Capítulo 18 – Retorno Forçado

Poema 38: “Solidão”, de A.L.P. Gouthier, 2013.

Capítulo 19 – Emoções Fraternais

Poema 39: “Ciúme e Inveja”, de A.L.P. Gouthier, 2012.

Poema 40: “Não Culpada”, de A.L.P. Gouthier, 2015.

Poema 41: “Única Irmã”, de A.L.P. Gouthier, 2015.

Capítulo 20 – Dança Diabólica

Poema 42: “Lago de Fogo”, de A.L.P. Gouthier, 2014.

Poema 43: “Dança Diabólica”, de A.L.P. Gouthier, 2015.

Capítulo 21 – A Segunda Frente

Poema 44: “Estratégia, Guerra e Sobrevivência”, de A.L.P. Gouthier, 2016.

Poema 45: “Veneno e Antídoto”, de A.L.P. Gouthier, 2014.

Capítulo 22 – Compensação

Poema 46: “Mensagem de Amor”, A.L.P. Gouthier, 2015.

Poema 47: “Família Dayrell”, A.L.P. Gouthier, Belo Horizonte 2011.

Capítulo 23 – A Batalha

Poema 48: “A Batalha”, A.L.P. Gouthier, Rio de Janeiro 1999.

Capítulo 24 – Reencontro

Poema 49: “O Pacto”, A.L.P. Gouthier, 2015.

Capítulo 25 – O Refúgio

Poema 50: “O Refúgio”, de A.L.P. Gouthier, 2011.

Poema 51: “Mandalay”, de Rudyard Kipling.

Capítulo 26 – Francisca e João

Poema 52: “Chica da Silva”, de Cecília Meireles, 1967.

Capítulo 27 – Retirada Estratégica

Poema 53: “Versículo”, de Tácito, 56 - 117 DC.

Poema 54 - Verso “Navio Negreiro”, de Castro Alves,.

Poema 55: “Terra da Tormenta”, de A.L.P. Gouthier, 2015.

Capítulo 28 – Ilha da Paz

Poema 56: “Ilha da Paz”, de A.L.P. Gouthier, 2012.

Capítulo 29 – Mensagem à Terra Natal

Poema 57: “Mensagem para a Terra Natal”, por A.L.P. Gouthier, 2010.

Capítulo 30 – Leitora Desapegada

Poema 58: “Leitora Apartada”, A.L.P. Gouthier, 2011.

Capítulo 31 – Anastásia Persephone

Poema 59: “Anastásia Perséphone”, por A.L.P. Gouthier, 2013.

Capítulo 32 – Saga do Horizonte

Poema 60: “Uma Saga”, de A.L.P. Gouthier, 2011.

Poema 61: “Vento do Norte”, de A.L.P. Gouthier, Aswan, Egito 1977.

Capítulo 33 – Mendacidade

Poema 62: “Mendacidade”, por A.L.P. Gouthier, Londres 2013.

Capítulo 34 – Árvores Mundiais

Poema 63: Versos da “Odisseia de Anastásia Perséphone”,
de A.L.P. Gouthier, 1997 – 2015.

Poema 64: “Árvores Mundiais”, de A.L.P. Gouthier, 2016.

Poema 65: “Dália”, de um poeta vitoriano anônimo.

Capítulo 35 – Felicidade

Poema 66: “Tristeza”, de A.L.P. Gouthier, Londres, 2010.

Poema 67: “Esperança”, de A.L.P. Gouthier, 2010.

Poema 68: “Felicidade”, por A.L.P. Gouthier, 2013.

Poema 69: “Se”, por Rudyard Kipling, 1865-1936.

Poema 70: Ver um mundo, por William Blake, 1757 – 1927.

Capítulo 36 – Adeus às Armas

Poema 71: “Ele Não Está Morto”, de James Whitcombe Riley, EUA.

Poema 72: “Adeus às Armas”, de George Peele, 1556 – 1596.

Poema 73: “Viva”, de A.L.P. Gouthier, 2014.

Poema 74: “Despedida”, por A.L.P. Gouthier, 2015.

Poema 75: “Memorial”, de Alice Oswald, 2011.

**“A verdade em um poema está no seu formato e seu conteúdo,
a sua música e seu significado são os mesmos.”**

Muriel Rukeyser

Reconhecimentos

“Enquanto escrevo essas palavras para deixar um registro duradouro, eu me pergunto onde tudo começou.”

Richard Peck, *Os fantasmas que já fui*.

“Algumas histórias nos movem mais do que outras, elas tocam um lugar no seu coração que nos deixa para sempre mudados.”

Suzanne D. Williams, *Eu e Timothy Cooper*

“A vida, ela percebeu, tão frequentemente se tornou uma determinada e incansável prevenção de dor – da nossa própria, de outras pessoas.

Mas às vezes a dor tinha que ser reconhecida e até tocada para que se pudesse entrar nela, através dela e sair dela.

Ou então ser destruído por ela.”

Mary Balogh, *Simplesmente Amor*

Período coberto: 1911 - 2016.

Locais: Diamantina, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Londres.

Enquanto minha filha Xena Olympia morou no Rio de Janeiro de 2009 a 2012, eu planejei com ela um Natal em casa, para o qual teríamos uma camiseta feita para dar de presente a cada hóspede. Na frente das camisetas, eu imprimi meu verso sobre o apartamento do Rio ser um refúgio encantado.

Eu havia previamente mandado gravar essa estrofe numa placa de latão e a fixara na porta da frente. Ela diz:

**Refúgio Privado
Reclusão praticada
Visitantes não bem-vindos
Muito poucas exceções feitas**

Estava claro, portanto, que eu estava vivendo um período da minha vida em que precisava desesperadamente de descanso e calma obtidos somente pelo silêncio da solidão para restaurar as minhas forças.

Na parte de trás das camisetas, estava impressa:

Pessoa classificada como uma exceção

As pessoas que vieram à festa se divertiram com isso e disseram que estavam honrados em ser classificadas como uma exceção. Isso ainda acontece quando eu relato a história a meus visitantes ocasionais, e explico que essa residência muito oriental não foi criada para ocasiões sociais, mas como um retiro particular, o que ela continua sendo.

Os convidados da festa de Natal eram familiares ou amigos. Mas eles não fazem parte da lista de pessoas que apresento aqui como tendo desempenhado um papel muito especial em minha vida. Então, agora vou definir as minhas pessoas especiais: elas são aquelas que acidentalmente entram em nossas vidas, geralmente de maneiras inesperadas, e ainda assim sua presença faz uma contribuição muito positiva para nossa existência.

A vida cotidiana nos faz revelar a nossa personalidade para as pessoas que trabalham conosco, em nosso redor ou para nós, enquanto nós percebemos a vida deles. Como consequência, respeito e carinho mútuos podem se desenvolver. Tenho muita sorte de ter tido muitas pessoas especiais em minha vida, algumas das quais listo aqui.

Maria do Rosário Paiva era neta dos escravos da família Rezende. Afinal, a escravidão no Brasil só terminou completamente em 1888, e Maria nasceu em 1911 na mesma fazenda que meu pai. Esta casa, chamada Guaritas, está localizada perto da cidade de São Gotardo, no Alto Paranaíba, em Minas Gerais, nas profundezas do coração do Brasil.

Quando meus pais se casaram em 1938, Maria do Rosário foi trabalhar para eles em Belo Horizonte. Eles inicialmente moraram em uma casa na Rua São Paulo, 978, próximo ao centro da cidade, e se mudaram para a Chácara em 1945.

A Chácara é a casa que eu sempre lembro como a minha casa. Essa era originalmente uma fazendinha situada nos arredores de Belo Horizonte, mas como a cidade se espalhou pela área, tornou-se uma casa de cidade, mas com um grande jardim ao seu redor.

Quando nascemos, Maria do Rosário foi encarregada de cuidar de nós, os três filhos e nós a chamávamos de Dindinha. O termo Dindinha significa madrinha. Ela era nossa babá, nossa segunda mãe e uma pessoa de autoridade na área de serviço da casa, além de uma excelente cozinheira.

Ela sempre esteve presente em nossas vidas e todos nós gostávamos imensamente dela e ainda sentimos muito a sua falta.

Em sonhos, às vezes me vejo conversando com Dindinha como fazia antigamente. Ela morou conosco, ou perto de nós, até morrer em 1979, pouco antes de minha filha nascer. Lembro-me de quando ela me contou, um ano antes de sua morte, que sonhara comigo com uma menininha.

Marguerite Richardson era uma senhora francesa que, que no início da Primeira Guerra Mundial morava no sul da França com o seu marido inglês. Diante de um iminente ataque alemão na área onde moravam, eles escaparam em um navio com destino ao Brasil.

Do Rio de Janeiro eles se mudaram para o oeste, em direção ao interior e finalmente se estabeleceram na cidade de Diamantina, hospedando-se com a família de minha avó, Teresa Dayrell Cattapreta, algum tempo antes do nascimento de minha mãe, em 1916. Madame, como a chamamos, era um pouco mais velha que a minha avó materna, e as duas logo desenvolveram uma amizade, o que fez Madame se tornar madrinha de minha mãe.

Com a morte do marido de Madame em Diamantina, ela foi deixada sozinha no mundo, por não terem tido filhos. Quando, então, a família de minha mãe se mudou das montanhas para a capital do estado, Belo Horizonte, Madame foi também.

Durante toda a minha juventude, Madame ocupou uma das casas nos arredores de Chácara, onde eu a visitava. Nunca me cansei de ouvir as histórias dela sobre seu passado na França e a difícil viagem pelo Atlântico em tempos de guerra. Ela morreu em 1975, com mais de oitenta anos e mesmo após sessenta anos no Brasil ela ainda possuía um forte sotaque francês.

Sr. Vicente era um jardineiro que trabalhava nos jardins que cercavam a minha casa, entre 1950 e 1955. Lembro-me do dia em que ele me trouxe uma corrente de ouro e medalha que eu havia deixado cair na grama. Embora ainda fosse criança, eu percebi que ele era um homem honesto em me devolvê-la.

Um dia, enquanto conversava comigo, ele me disse que não era católico, como a maioria das pessoas no Brasil, mas protestante. Então eu disse à minha mãe que ser protestante devia ser bom porque ele era uma pessoa muito boa.

As vezes, eu o via trabalhar sob uma chuva leve e minha mãe dizia: “Sr. Vicente, saia da chuva”. Mas ele muitas vezes ignorava seus apelos e continuava a trabalhar, dizendo: “É apenas um chuvisco, Dona Clara”.

Dorinda era uma espanhola que trabalhou como costureira em nossa casa por cerca de oito anos, a partir de 1952. A família de

Dorinda havia recentemente vindo da Espanha e morava em Belo Horizonte, não muito longe de nós.

Eu gostava muito dela, e, após a escola, ia ao quarto de costura para conversar. Ela também fazia roupas para minhas bonecas e minha mãe aparecia de vez em quando e fingia estar brava por Dorinda estar apenas brincando de boneca comigo.

Ficava fascinada pelas histórias que ela me contava sobre a neve na Espanha, que eu nunca tinha visto, e sobre colher cerejas diretamente da árvore. No Brasil, as cerejas eram então muito caras e eu pensava que ter uma árvore inteira cheia delas era um sonho. Ainda guardo as roupas que Dorinda fez para minha boneca chamada Suzana, que estão em perfeitas condições, assim como a boneca.

Joaquim das Neves França: Quando minha irmã Clarissa Demétria nasceu em 1951, ela teve um problema de saúde muito grave. Como isso exigia que ela tomasse antibióticos durante a noite, meus pais combinaram com um jovem chamado Joaquim, que trabalhava em uma farmácia próxima da Rua Padre Eustáquio, para aplicar-lhe injeções.

Com o passar do tempo, meu pai descobriu que Joaquim trabalhava às noites para pagar aluguel onde morava e financiar seus estudos durante o dia. Então, meu pai o convidou para morar em um quarto na área de serviço de nossa Chácara, onde ele podia dormir à noite gratuitamente e continuar seus estudos. Logo depois Joaquim começou a trabalhar no escritório de meu pai, onde ficou por muitos anos até se mudar para São Paulo. Eu tenho uma foto de Joaquim, que ele deu à minha mãe, em sua capa e capelo de formatura.

Quando colegial, eu às vezes pedia a Joaquim que escrevesse composições para eu levar para a escola, porque era péssima nessa tarefa. Mas quando ele o fazia, eu lia e invariavelmente reclamava.

“Oh, Joaquim, isso não está bom!”

“Por que, ela está ruim?”, ele me perguntava.

“Não, está bom demais! Eu nunca conseguiria escrever algo assim. Para fazer parecer que eu escrevi, você tem que cometer alguns erros aqui e ali!”

Gerson Cesário: Como um dos negócios de meu pai era muitos cinemas em Belo Horizonte, nós também tínhamos nosso próprio cinema em casa, onde assistíamos aos filmes antes de serem lançados.

Então, entre 1951 e 1986, Gerson, ou Dedé, como o chamamos, costumava exibir filmes para a família em casa. Isso acontecia todos os dias, exceto aos domingos, logo após o jantar, e as sessões eram frequentadas regularmente por minha mãe, pelas crianças com idade suficiente, pela minha avó Teresa e pelo tio Lauro, que morava com ela, madame Marguerite, Dindinha e quem mais quisesse ver um determinado filme.

Durante o dia, Dedé trabalhava no escritório de meu pai. Como ele conhecia todas as repartições municipais e estaduais, era o facilitador de documentos da família. Nessa função, acompanhava os vários membros da família, incluindo tios, tias e primos, pelos vários departamentos públicos, ignorando filas e entrando diretamente nos escritórios dos chefes de cada um com o simples anúncio, no meu caso particular: “Esta é a filha do Dr. Luciânia”. Era tão embaraçoso! Mas, como isso era melhor do que enfrentar longos atrasos, eu me submetia humildemente.

Como conhecia Dedé havia tanto tempo, ele também era meu aliado, sempre intercedendo em meu nome quando a ocasião exigia, e sempre se esforçando para fazer o que eu desejasse que ele fizesse para mim. Em 1990, na posse de informações privilegiadas, aconselhei Dedé a fechar um acordo sobre a compra de algumas máquinas de impressão que ele desejava adquirir da empresa de meu pai, porque eu sabia que essas seriam permanentemente removidas da venda no dia seguinte. Fiz isso para recompensá-lo por toda a atenção que ele sempre me deu. Ele era meus olhos e ouvidos dentro do escritório de meu pai. Infelizmente, Dedé teve Alzheimer e depois morreu.

Ercília dos Santos começou a trabalhar para a família em 1952, quando meu pai comprou para nós um apartamento no Rio de Janeiro, na região do Morro da Viúva, logo acima da casa do meu tio Geraldo. No resto do ano, quando não estávamos lá, Ercília morava sozinha. No início dos anos 1960, Ercília mudou-se para o nosso próximo apartamento no Posto 6, na Avenida Atlântica em Copacabana, onde morou por quase trinta anos.

Ela me disse que, como a sua mãe morreu em seu nascimento, ela foi criada por sua tia, que não se importava com ela, e nem se preocupou em registrá-la. Então, ao crescer, teve que fazer isso sozinha, até mesmo inventar uma data de nascimento e um sobrenome para si mesma.

Desde o nascimento dos meus filhos, em 1980, Ercília costumava ajudar a cuidar deles quando estávamos no Rio. Ela era muito gentil com eles e os dois gostavam muito dela. Em 1990, quando vendemos o apartamento, Ercília foi morar em Belo Horizonte, em um lugar que meu irmão arranjou para ela. Tragicamente, alguns anos depois, ela teve uma morte violenta nas mãos de alguém que invadiu a sua casa.

Maria de Lurdes Silva Carvalho veio trabalhar em nossa casa, a Chácara, em Belo Horizonte, quando eu tinha cerca de 10 anos, no início dos anos 1950. Muitas vezes eu conversava com ela enquanto ela trabalhava em casa. Em uma ocasião, fui até a área de serviço e vi outra funcionária passando um ferro quente de pentear pelos cabelos dela. Perguntei-lhes o que estavam fazendo e me disseram que De Lurdes estava se embelezando para sair com o namorado, com quem mais tarde se casou.

Ela ainda trabalha para o meu irmão, e eu sempre fico feliz em vê-la quando vou para lá. A irmã dela também trabalhou mais tarde para minha mãe, e sua sobrinha, Marinês, agora trabalha para mim.

Margarido era um *factotum* geral em torno de nossa casa, de cerca de 1958 até quando desapareceu, em 1976. Ele trabalhava como jardineiro, cuidava dos cães e outras criações que por ali vagavam, como pavões, papagaios, araras, seriemas, mutums e outras aves. Ele também executava qualquer trabalho pela propriedade. Depois se tornou vigia.

Embora fosse ainda bastante jovem, minha mãe me disse que Margarido era ‘encostado’ pelo Instituto. Isso significava que ele havia sido aposentado pela Saúde Pública porque às vezes tinha períodos de amnésia completa. Durante esses ataques, ele não sabia quem era ou onde vivia e trabalhava, e percorria as ruas sem rumo até que sua memória voltasse. Gostávamos muito dele, e sempre lhe dávamos o emprego de volta quando ele emergia de uma dessas ausências mentais, faminto, desganhado e em frangalhos.

Como ele era de total confiança e tinha dificuldade de dormir, nos últimos anos tornou-se vigia noturno. Lembro-me de me sentir muito protegida e tranquila por sua presença enquanto ele circulava a casa durante a noite vestindo uma capa comprida sob a qual ele escondia uma espingarda. Há muitas histórias de valor inestimável a seu respeito, e ele é um personagem importante na saga da minha família.

Assis de Ramos Faria foi motorista de minha mãe há por mais de vinte anos. Sempre que havia algum problema de direção com algum jovem membro da família, minha mãe enviava o Assis rapidamente ao local para se apresentar como autor da infração. Uma dessas ocasiões aconteceu quando minha prima, em estado de leve intoxicação, dirigiu seu carro felizmente contra a parede da casa de uma parente, Zezé Gulliker Renault, que, de imediato, levou as duas meninas para sua casa e avisou minha mãe sobre o acidente.

Assis, no entanto, às vezes gostava de acelerar um pouco. Em uma dessas ocasiões, quando estava dirigindo em uma estrada com minha mãe dormindo profundamente no assento de trás, ele ultrapassou o carro de meu irmão que prontamente o perseguiu e o xingou bastante por arriscar a vida de nossa mãe.

Anos depois, após a morte de minha mãe, Assis continuou como motorista de meu irmão. E, finalmente, após a morte da esposa de meu irmão, Gerda, quando havia necessidade Assis também assumia o papel de babá para as crianças, dormindo na casa da família quando meu irmão tinha que se ausentar. Lá ele trabalhou até o fim de sua vida.

O **Sr. Antônio** foi jardineiro em anos mais tarde, de 1975 a 1995, e também conheceu meus filhos. Ele era uma pessoa quieta e gentil. O fim de sua vida foi muito inesperado, e ficamos todos imaginando o que poderia ter lhe levado a se matar. Ele foi encontrado enforcado em uma das casas de serviço nos arredores de nossa Chácara.



Zilda Nebel: Eu conheci Zilda em Londres, em 1984, quando ela veio trabalhar para mim em minha casa. Sua filha Caroline tinha então quatro anos, apenas alguns meses mais velha que minha filha Xena Olympia.

Cinco anos depois, fui morar com meus filhos no Brasil e, em 1999, Zilda e Caroline também se mudaram para o Rio de Janeiro. Finalmente, em 2001, quando me envolvi na administração do Hotel Ouro Verde, no Rio, Zilda veio trabalhar na empresa, e depois passou para o cargo de minha assistente pessoal.

Infelizmente, em 2013, sua filha Caroline morreu de câncer, aos 35 anos. Ela era uma garota tão bonita em personalidade quanto em aparência, e ficamos todos muito chocados com sua morte prematura. Algum tempo depois, Zilda decidiu voltar ao local onde nasceu, no Rio Grande do Sul.

Ratinho, cujo nome real eu nunca soube, trabalhou na Chácara entre aproximadamente 1980 e 1986, quando morreu repentina e inesperadamente, ainda muito jovem.

Como Ratinho era muito bom com as crianças, ele muitas vezes ficava encarregado de entretê-las ao ar livre, para dar um sossego às mães e babás. Ele cuidava dos filhos de meu irmão, Agenor e Tessa, e também dos meus, Xena e Perseus, quando estávamos lá.

Aliás, no Brasil nunca chamamos esse tipo de roedor de camundongo. Mesmo quando muito pequenos, são chamados de ratinhos. Os camundongos são encontrados apenas em laboratórios e eu nunca vi um. Não que eu tenha visto muitos ratos também.

Fátima Espírito Santo veio de Portugal em 1985 para trabalhar para mim em Londres como *au pair*. Meus filhos tinham então cinco e dois anos, respectivamente. Ela cuidou deles com dedicação até 1989, quando nos mudamos para o Brasil e ainda estamos em contato com Fátima.

Milton Parreiras: Em 1990, quando fomos morar em Belo Horizonte, eu disse ao Dedé que precisava de um motorista absolutamente confiável para conduzir meus filhos. Dedé sugeriu Milton, que já trabalhava na empresa de meu pai havia algum tempo. Ele ainda dirige para o meu filho Michael Perseus quando ele está na cidade.



Marinês Felix da Silva: Em 1990, quando eu precisava de funcionários para o meu novo apartamento em Belo Horizonte, procurei possíveis candidatos entre as famílias de pessoas que já trabalhavam para nossa família, e alguém sugeriu uma sobrinha de Maria de Lurdes, que eu mencionei antes.

Foi assim que Marinês entrou na minha vida, para nunca mais sair. De trabalhar em nossa casa, ela naturalmente progrediu para trabalhar no Dayrell Hotel e agora eu não posso estar lá sem ela. Seus dois filhos, Giovanni e Luciano, nasceram depois que ela começou a trabalhar comigo e também trabalharam por um tempo na empresa.



Jaqueline de Oliveira Gonçalves: O pai da Jack, Gerson de Oliveira, trabalhou para meu pai por 45 anos, e eles se gostavam muito um do outro. O tio dela, Pedro Paulo Bioró, continua ligado à minha família por mais de 55 anos, a partir dos seus 14. A própria Jaqueline, primeiro trabalhou como secretária no escritório de meu pai em Belo

Horizonte, quando se mudou da cidade de Lagoa da Prata, ao lado da antiga Refinaria de Açúcar Luciânia.

Quando eu precisei de alguém para trabalhar com os meus filhos e cuidar do funcionamento da minha casa, Dedé, meu aliado no escritório, sugeriu que eu empregasse Jaqueline, pois era filha do fiel empregado de meu pai, Gerson. Jaqueline veio morar conosco em 1991 em nosso lindo apartamento à Rua Tomaz Gonzaga, no agradável bairro de Lourdes.

Alguns anos depois, Jaqueline me disse que seu pai lhe havia pedido que ela me seguisse pelo resto de sua vida aonde quer que eu fosse, como ele havia feito com meu pai. E de certo modo que foi o que aconteceu. Quando meus filhos cresceram, Jack tornou-se minha secretária particular, depois progredindo para uma posição executiva no meu negócio de hotéis, onde ela agora é uma gerente-geral muito capaz e eficiente.

Eu valorizo a honestidade e a dedicação mais do que qualquer outra coisa, e é incrível como, aos poucos, as pessoas podem nos surpreender com atributos ocultos. Jaqueline é minha mão direita e administra todos os aspectos da minha vida.

Conversamos sobre negócios e outros assuntos quase todos os dias, onde quer que eu esteja no mundo. Fizemos um pacto para trabalharmos juntas pelo resto de nossas vidas e sempre proteger os filhos uma da outra. Este é realmente um acordo muito reconfortante para nós duas. Sou madrinha da filha dela, que se chamou Ana Luiza, por minha causa.

Joana D’Arc era conhecida pela maioria como **Dona Beeca**. Ela começou a trabalhar em minha casa como costureira em 1991, e nossa conexão uma com a outra nunca foi interrompida. Certa vez, ela me disse que sonhara estar caminhando por um caminho estreito acima de um penhasco à beira de um rio, e, sempre que estava assustada, eu estendia minha mão para ela. Desde a sua morte, em 2002, também tive muitos sonhos com Dona Beeca, nos quais ela ainda está viva e perto de mim.

Evaldo José de Oliveira: Em 1989, Evaldo mudou-se de Brasília para trabalhar em nossa empresa em Belo Horizonte, mas foi somente em 1995 que ele começou a trabalhar diretamente comigo. Este foi o momento imediatamente após a morte de meu pai, quando me deparei com a perspectiva assustadora de administrar meu próprio negócio, o que nunca havia feito antes. Evaldo é uma pessoa muito capaz e correta, e tivemos um relacionamento de respeito e confiança mútuos. Ele trabalhou comigo até 2015.

Sonia Maria da Silva Mota: Os pais de Sonia trabalharam para minha tia Neném, irmã mais velha de meu pai, e Sonia nasceu na casa de campo de minha tia. Quando jovem, ela foi trabalhar no antigo hotel de meu pai no mesmo local do primeiro banco da família, o Banco Financeiro da Produção. Nosso relacionamento pessoal, no entanto, só começou quando eu assumi o Real Palace Hotel em 1995, que se tornou o Dayrell.

Oredir Cândido da Silva: Ledi tinha apenas 16 anos quando começou a trabalhar na empresa de meu pai em 1985. Quando assumi a administração do Hotel Real Palace, ele era um dos funcionários da equipe de manutenção, mas com o passar do tempo se tornou um muito capaz chefe dessa equipe. Ledi é um homem bonito, além de inteligente, eficiente e correto. Enquanto ele já trabalhava para mim, ele concluiu seus estudos secundários com distinção, o que tenho orgulho em contar.

Maria Braga São José: Dona Lia começou a trabalhar como costureira no Real Palace Hotel, na época administrado por minha irmã Clarissa Demétria. Em 1995, ela passou a executar as minhas criações artísticas em sedas orientais, que foram emolduradas e agora adornam as áreas públicas das paredes do Dayrell e as novas salas de convenções.

Dona Lia me disse recentemente: “Senhora Anastásia, a senhora tem sido muito gentil comigo. Na minha idade, sem a senhora, eu estaria desempregada”. Ao que respondi: “Do que a senhora está falando, Dona Lia? O que eu teria feito sem a senhora para executar as minhas obras de arte? Nós dependemos uma da outra!”

Antônio Carlos Ferreira tem o apelido de **Fumaça**. É curioso como as pequenas coisas que acontecem na vida podem unir as pessoas para